

# TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EMPRESA MINERAÇÃO MORRO VELHO

Ebenézer Pereira Couto<sup>1</sup>  
Armando Dalla Costa<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

O investimento inglês na mineração de ouro em Nova Lima data de 1834, ano de fundação da *Saint John Del Rey Mining Company*. A presença inglesa no empreendimento perdurou até 1957, ano em que se iniciou a transferência do controle para acionistas brasileiros. Tal processo culmina em 1960 com a criação da Mineração Morro Velho, assistindo-se a partir de então a formação de corpo técnico e gerencial da empresa com base em brasileiros, inclusive em nível de cargos executivos.

Com o acúmulo de significativa defasagem tecnológica em mineração subterrânea na década de 1970, a empresa busca novas metodologias de trabalho e tecnologias de ponta na África do Sul. É daí que advém sua associação em 1975 com a *Anglo American Corporation*, parceria que desata nova onda de investimentos com transferência de tecnologia de mineração em subsolo. Presentemente é marcante a participação de capital canadense e sul africano, denominando-se a empresa como *Anglogold*.

Nosso objetivo nesse trabalho é contextualizar a formação histórica de Nova Lima (MG), que remonta a fins do século XVII, com foco na exploração de ouro por ocasião da implantação da empresa em Nova Lima. Interessa-nos analisar a participação/ interesse do capital inglês na exploração do metal no país, com indicações de sua evolução no decurso do século XX.

---

<sup>1</sup> Professor do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

<sup>2</sup> Professor da Universidade Tuiuti, Curitiba, Pr

## OS PRIMÓRDIOS DA MINERAÇÃO DE OURO EM NOVA LIMA

A Revista do Arquivo Público Mineiro, datada de 1901, assim caracteriza geograficamente o município de Nova Lima, ali chamado um município de *ouro*: pela vertente sudeste da Serra do Curral, a 18 km de Belo Horizonte, ao norte; a 68 km da antiga Villa Rica, ao sul, e a 4 km da Estrada de Ferro Central do Brasil (km 562), estende-se um velho povoado cuja origem prende-se ao subsolo aurífero desta região, em tempos idos bastante envolvido pela ambição dos bandeirantes.

Destaca o texto que a freguesia de Congonhas de Sabará, posteriormente denominada *Villa Nova de Lima*, foi mais afortunada que outros povoados do planalto central de Minas Gerais. Isto porque continua a manter, com prosperidade crescente, os nobres foros que lhe deferiram os primeiros exploradores que, em fins do século XVII, partindo da margem esquerda do Rio das Velhas, subiram pelos córregos e ribeiros, atraídos pela riqueza de suas areias e tabuleiros auríferos.

A razão se deve a que ali, às desordenadas explorações e aos processos rudimentares e defectivos da mineração colonial, sucedeu um sistema exemplar, posto em prática com os mais variados recursos da mecânica e da mineralogia, e sobre um inesgotável veio de ouro que então ia pelos seus 67 anos.

Todavia, até meados do século XVIII a história desse velho arraial seguiu obscura, aludida apenas nos livros de guarda moria, nos arquivos da fundição Sabará ou nos escritórios de sua matriz e da de Raposos, esta a mais antiga em MG. Congonhas de Sabará era, no princípio, um simples abarracamento ou garimpo de faiscadores de arribação cujo paradeiro era o arraial de Raposos, já então núcleo importante de atividade e trabalho.

Acredita-se datar dos fins do século XVII a primeira entrada nos veios auríferos do território de Congonhas, então coberto de espessas matas, tendo por ali passado Borba Gato e Fernão Paes, dentre outros. Por volta de 1726 Congonhas de Sabará já era importante freguesia, região belíssima que ia se tornando, pelas riquezas auríferas, núcleo populoso de elementos os mais heterogêneos e propício a frequentes perturbações. Além da população livre (aí incluídos homens de fortuna), tumultuava uma multidão de escravos e libertos que se acotovelavam nas catas, correios e minas. Conforme Revista (1901: 323), essa situação

emblemática se evidenciava na promiscuidade sexual, intemperança e no álcool, elementos que explodiam no contexto de busca da riqueza aurífera que, a flor da terra, iam os homens encontrando.

Há certo consenso de que a descoberta do Morro Velho teria ocorrido antes de 1700, não se justificando de todo a versão que atribui ao padre Freitas o *status* de seu primeiro explorador. A denominação Morro Velho abrangia toda a extensão das cabeceiras até a Praia de Congonhas, compreendendo o Morro do Bonfim, ou do Mingú, onde se abre a grande mina dos ingleses.

Por essa época as explorações eram superficiais e “*poucos mineiros se aventuravam além das grupiarias e cascalhos em demanda das rochas, verdadeira sede de mais constante formação aurífera*” (*ibidem*: 334). No início do século XIX o padre Freitas iniciou exploração mais sofisticada, abrindo no Morro Velho os seus serviços na rocha pelo sistema denominado de talho aberto.

É sabido que demorou o uso generalizado de pólvora na mineração. Para isto teria contribuído o despotismo da metrópole, atenta à percepção dos quintos, sem se falar de suas suspeitas com relação à inconfidência de seu vassalos e colonos. Na prática, o jugo metropolitano não quis liberalizar, senão tolerar, ainda que de modo muito restrito, o fabrico do ferro, principal alavanca da exploração do subsolo.

O padre Freitas, queimando a rocha e espargindo-lhe água para quebrá-la, moê-la e lavá-la - um processo de evidente primitivismo - obteve em 1814 16 Kg de ouro, empregando 24 operários lívres e 122 escravos (Von Eschwege - *Pluto Brasiliensis*) num período de quatro anos.

Todavia, contra os prognósticos pessimistas de Saint Hilaire, a mineração prosperava na região. Para tanto contribuiu a descoberta do veeiro de Bella Fama assim como a exploração em distritos próximos das minas do morro da *cachaça*, do Veeiro, do Urubu, do Gaia, de Gabiroba, do Faria, do Garcez, do Batista e várias outras. Isto sem se desconsiderar as incidências nas praias do Rio das Velhas e riberios afluentes e nos aluviões auríferos que floresciaam.

Tudo isto estava compreendido nos limites de Villa Nova de Lima cujo maior diâmetro não excedera de 3 léguas (18 Km): “*Verdade é que da mineração iniciada pelo*

*Pe. Freitas no MV promanava mais diretamente a vida do arraial de Congonhas, abandonados como já o havia sido, por supposto de esgotamento, as vastas extensões de cascalhos da praia do Ribeirão dos Cristais.” (ibidem: 335)*

Posteriormente, tendo o capitão Lyon, diretor da Mina de Gongo Soco, comprado ao Pe. Freitas as datas do Morro Velho, revendeu-as à empresa inglesa *Saint John Del Rey Mining Company Limited*, que passou a explorá-las permanentemente. Sob direção inglesa, os primeiros trabalhos foram executados no sistema a talho aberto nas localidades de Bahú, Cachoeira e Gambá. Desde logo foi reconhecido vasto corpo formado por massa compacta de quartzo de grãos finos, com pyrites arsenical, de ferro, magnetita, de cobre e outros minérios menos importantes.

Uma breve digressão sobre a vida e desenvolvimento do então Arraial de Congonhas de Sabará: desde o início do século XVIII a pequena povoação permanecia sedentária. Entretanto, as descobertas de ouro se sucediam, o que impulsionava o comércio em função da grande concorrência de viajantes e tropas. Em 1780 o número de casas do arraial já era insuficiente para abrigar a população, ao ponto de que a Câmara da Villa Real de Sabará entendera ser conveniente, entre outras medidas, policiar as estalagens de modo a zelar pelo bem estar dos viajantes. Todavia, pelo final deste século Congonhas decaía, quadro que seria suficiente para explicar a recorrência da demanda de Raposos pela redução daquela à condição de Paróquia.

Diversamente destaque-se, já no contexto do século XIX, um embate no qual Congonhas de Sabará saiu vitoriosa: em que pese a detenção por muito tempo do título de Freguesia, a diminuição sensível de sua população provocou a edição do decreto de 14 de julho de 1832 que a anexou, como filial, à matriz de Raposos (Dicionário do Brasil, Vol. 1, pg. 219). Mas esse ato da assembléia Geral não vingou, em vista da reação dos habitantes de Congonhas, o que não obstará um eventual processo de anexação a outra Paróquia no caso de continuidade da tendência de seu declínio econômico.

Mas essa tendência terminou não prevalecendo, dado o quadro de prosperidade decorrente da implantação da nascente mineração inglesa do Morro Velho conforme os seguintes indicadores: de 1838 a 1863 a Companhia extraiu do Morro Velho 1.523.274 toneladas de pedra, desprezou 124.986 toneladas desta (por não conter ouro) e socou

1.398.288 toneladas que produziram 1.972 arrobas, 12 marcos, 3 onças e 2 oitavas de ouro. As despesas, do início de suas atividades até aquele ano, foram equivalentes à 1.477,526 Libras esterlinas com a obtenção de lucros no montante de £638.017. Destas, abatidas £165.743, capital da Companhia, sobrava-lhe o saldo de £472.264 (conforme Almanach Martins de 1864).

Sublinha-se a seguir alguns aspectos gerais do Morro Velho encaminhados pela empresa à policia em 1864. Em termos de movimento do trabalho livre e escravos: brasileiros em dezembro de 1863, março e maio de 1864 nos montantes de 810, 930 e 710 trabalhadores, respectivamente; escravos no fim de maio de 1864: 1.691 pessoas.

Já o capital então empregado na compra de materiais e mantimentos nos armazéns da Companhia importava numa despesa equivalente a 412:200\$420 assim discriminados: mantimentos (81:148\$370), materiais (318:866\$340), jornais ou salários (663:025\$054) distribuídos entre empregados nacionais (491:008\$95) e estrangeiros (172:016\$10)

O teor de ouro observado nos anos de 1860, 1861, 1862 e 1863 foi de 73/4 oitavas, 103/4, 101/2 e 91/4 oitavas por tonelada, respectivamente. A quantidade de minério extraído das minas nos mesmos anos foi de 91.361, 96.612, 90.895, 84.758 toneladas, sendo a quantidade de ouro extraído equivalente a 413.658 oitavas, 525.754 oitavas, 539.466 oitavas e 490.611 oitavas naquele mesmo período entre 1860 e 1863.

Cumpra observar, conforme as informações da Revista (1901), que o toque do ouro extraído variava até 19 quilates e 2 grãos, isto é, amalgamação do ouro e prata na proporção de 80,9% de ouro e 15,10% de prata, sendo também encontrado cobre.

O pessoal administrativo era composto por um superindendente, um capelão e demais auxiliares em número de quatorze (14), aos quais se agregava o contingente de funcionários subalternos que contava 2.522 pessoas.

No ano de 1867 a Companhia operava na profundidade de 360 metros dos afloramentos, com extensão de 210 metros, largura variando em diversos pontos de 2 a 27 metros, com média de 9 metros na parte da mina de Cachoeira e de 12 metros na do Bahú. Até então, foram extraídos 28.658 Kg de ouro, não mais cabendo dúvidas acerca da opulência do Morro Velho, garantida por importante corpo aurífero.

Certamente, o foco de prosperidade teve enorme influência na atração de migrantes - sobretudo em função da estagnação econômica em suas áreas de origem - o que contribuiu para transformar Congonhas num progressivo e agitado centro comercial e industrial. Decididamente, o grande consumo da empresa do Morro Velho de artigos e materiais diversos, com destaque para carvão vegetal, velas, azeite, caixas de madeira para cortume de sola e pólvora, determinou o surgimento das respectivas indústrias, base para a prosperidade de famílias e salvação da penúria de inúmeros braços até então ociosos.

Alguns sinais visíveis desse quadro de prosperidade: em 1852 é construído espaçoso teatro na praça principal da cidade, com o fito de prover o exercício de arte dramática pelos jovens. Diga-se de passagem que esse teatro fez parte do conjunto exclusivo de três teatros existentes à época na província de Minas Gerais, os outros dois situados em Ouro Preto e Sabará.

Três templos serviam a reunião dos fiéis: a Igreja do Rosário, a mais antiga, construída de pedra e por acabar, como quase todas as outras da mesma invocação; a matriz de Nossa Senhora do Pilar, de construção elegante e condignamente decorada; e a capela do Bonfim. Além desses edifícios, localizados no centro geográfico da povoação, havia muitos outros erigidos dentro do perímetro do Morro Velho, boa parte deles sóbrios, sólidos e ao bom e tradicional gosto das habitações de campo inglesas. Certo é que o templo católico, o protestante, o hospital, a casa grande e outros edifícios bem dispostos por aqueles vales e colinas davam a impressão, à distância, de se tratar de uma aldeia suíça.

## **O INVESTIMENTO INGLÊS EM MORRO VELHO**

O investimento inglês na mineração de ouro em Nova Lima se reporta às primeiras décadas do século XIX. Chegado ao município em 1834, tratava-se de organizar as operações em moldes industriais, colocando-se em primeiro plano o problema da provisão da oferta de trabalho necessária à consecução do empreendimento. Para tanto, a empresa recorre à modalidade de trabalho escravo, a mais disponível à época, ainda que fosse também possível se contratar trabalhadores livres, mormente pequenos produtores de subsistência. Estes, porém, eram considerados pouco adaptáveis ao trabalho na mina, dado

sua *irresponsabilidade e absenteísmo* que, na verdade, eram mera decorrência da percepção social do trabalho numa sociedade escravista.

Conforme Libby (1984), nesses primórdios da atividade mineraria em Nova Lima já se registravam indícios de formação profissional, de modo a se atender o requisito mínimo de trabalho na mina. São mencionados nos arquivos da empresa treinamento de meninos escravos para atividades nos ramos de carpintaria, ferreiros e pedreiros, base para o discurso institucional da empresa de seu compromisso com a formação de sua própria mão-de-obra, desde os tempos da *Saint John Del Rey Mining Company*. Também é caro na memória histórica da empresa seu compromisso com as condições de saúde de seus trabalhadores, datando de 1838 a chegada do primeiro médico, cuja missão era cuidar do tratamento dos escravos da Mineração Morro Velho.

Ainda que tal providência certamente decorresse do elevado grau de mortalidade característico de uma atividade desempenhada em condições insalubres e adversas, poder-se-ia identificar certa anterioridade da empresa nessa matéria. Isto porque, considerada em nível nacional, tal preocupação só teve algum significado a partir de 1850 já num contexto favorável ao abolicionismo. Também registra-se nesse ano de 1838 o emprego de trabalho feminino na mineração, especificamente nas atividades de transporte e trituração de minério.

São conhecidas mundialmente as condições históricas de vida e trabalho em atividades minerárias. Tratando-se de um processo de trabalho essencialmente braçal, desempenhado em condições por definição adversas - por serem subterrâneas - o trinômio força física/ saúde/ disciplina tinha caráter fundamental. Nessa medida, impor-se-ia a necessidade de grau mínimo de cuidado com a manutenção/ alimentação das turmas de escravos, cujas jornadas de trabalho duravam 12 horas diárias. Segundo Morro Velho (1995), aos domingos havia a celebração de missa seguida de jogos, danças, ceia e bebidas, estas servidas com cuidado e *moderação*.

Desde o momento em que a Inglaterra passa a empunhar a bandeira da abolição da escravatura, torna-se mais delicada a situação das empresas inglesas no exterior. No caso da *Saint John*, intensifica-se a utilização de escravos de aluguel como alternativa a um tráfico negreiro sob crescentes óbices em nível mundial. De qualquer forma, o custo para se

manter a força de trabalho escrava representava algo como 60% do custo total da produção, o que só fazia intensificar a utilização da mão-de-obra disponível.

Pelos idos de 1848, nota-se o crescimento do número de trabalhadores em função da queda da jornada de trabalho, agora organizada em 3 turnos de 8 horas. Desde então, a mina passa a contar com um contingente total de 1.220 trabalhadores. Neste contexto, é instituída a concessão de prêmios de produtividade e adicional por hora extra, benefícios estendidos inclusive aos trabalhadores escravos e que chegavam a representar algo equivalente a um terço do salário do mineiro.

Com o significativo aumento de produção verificado em meados do século XIX cresce a necessidade de pessoal o que, num cenário de progressiva escassez relativa de trabalho escravo, impõe que a Saint John passe a recrutar trabalhadores na Europa. Conforme Libby (1984), em 1850 chega a Nova Lima um contingente formado por 20 ilhéus portugueses, 90 chineses, 35 broqueiros da Cornualha além de alemães, franceses e austríacos. Notável a menção do autor à tendência ao desaparecimento do uso de castigos físicos aplicados aos escravos.

Ainda conforme Libby, dois anos antes, em 1848, é construído hospital com 60 leitos, iniciando-se o desenvolvimento de atividades de medicina do trabalho com prevenção de doenças ocupacionais. A referência nesse ponto é a de que a fundação desse hospital tenha representado uma enorme inovação. Consta nos registros da empresa que suas instalações hospitalares foram freqüentemente demandadas por doentes de outras regiões do estado, inclusive o governador, autoridades e elites em geral da nova capital mineira.

Todavia, persistia para a empresa o problema do absenteísmo dos trabalhadores livres, especialmente a categoria de broqueiros, base para o já mencionado discurso de sua *irresponsabilidade e inconstância* ao trabalho. Agravando-se as dificuldades de provisão de pessoal, a empresa trata de implantar novos benefícios com vistas à atração de trabalho livre. Assim, em 1862 passa-se a oferecer casas recém construídas e maiores níveis salariais, medidas consideradas eficazes para o aumento da oferta de trabalhadores livres. Neste ano, chega a 906 o número de trabalhadores brasileiros *vis-à-vis* 154 europeus e 1450 escravos, relação nunca dantes atingida (Libby: 1984).



Fato relevante a se mencionar no ocaso dessa década de 1860 foi a introdução da dinamite para desmonte do minério, *inovação* que tendeu a reduzir a necessidade de trabalhadores. Persistia, porém, a utilização de mulheres escravas nas atividades de trituração do minério sendo que trabalhadores livres passam a ocupar de forma quase exclusiva a função de broqueiros, cargo chave na atividade de mineração. Em termos de especialização, há menção ao uso de escravos como ferreiros, carpinteiros, broqueiros e mesmo capatazes.

**TABELA: DADOS DE PRODUÇÃO E PESSOAL DA MINERAÇÃO MORRO VELHO (1834-1895)**

ANOS SUBSOLO	MINÉRIO (T)	TEOR (G/T)	OURO (KG)	PESSOAL
1834	773	16,51	13	86
1835	12854	15,45	199	263
1836	17219	21,37	368	281
1837	21015	22,02	463	287
1838	24311	20,36	495	521
1839	26491	21,82	578	660
1840	30553	20,26	619	607
1845	42336	19,65	832	1042
1850	71106	18,60	1323	1222
1855	97297	16,72	1627	1126
1860	101361	18,93	1919	1172
1865	78883	28,41	2242	2240
1870	46901	14,37	674	1311
1875	107226	24,33	2609	1193
1880	76273	15,97	1218	1188
1885	60238	18,91	1139	333
1895	139562	10,91	1523	865

Fonte: Morro Velho (1995)

Na Tabela acima são reunidos dados de produção do minério bruto e seu teor, além da produção obtida de ouro e o pessoal ocupado nas atividades minerárias no período entre 1834 e 1895. Percebe-se o progressivo aumento da extração de minério sendo seu respectivo teor bastante elevado conforme dados da geologia. Nessa fase inicial, este teor propicia a depuração de significativas quantidades de ouro, como se depreende dos dados arrolados. Quanto às informações sobre pessoal ocupado destaque-se o pico atingido em 1865, a partir do qual se tem um decréscimo que se prolonga ao final daquele século. Fato relevante para tanto foi destacado mais acima, com respeito à introdução da dinamite.

Todavia, cabe assinalar a ocorrência de acidentes, fato comum em atividades dessa natureza. E acidentes foram vários na trajetória da *Saint John Del Rey Mining Company*. Inicialmente, cabe a referência ao grande incêndio ocorrido em 21 de novembro de 1867, que lavrou nas galerias subterrâneas do Morro Velho quando ali trabalhavam mais de 100 operários. Este fato provocou enorme comoção na comunidade, potencializada pelos surdos estampidos subterrâneos dos materiais explosivos atingidos pelo fogo.

Na manhã seguinte ao ocorrido a atmosfera estava escura e amortalhada pelos vapores que saíam das minas causando desolação para todos, luto para muitos e perspectivas de miséria para inúmeros outros. De fato, registra-se que durante vários dias e noites a mina vomitou espesso fumo denegrido e sulfuroso (*ibidem*: 358). Mesmo com as copiosas chuvas de novembro que limpavam a atmosfera, o povo do arraial permanecia desolado.

Os trabalhos na mina haviam se desenvolvido de tal forma que, enquanto em 1838 se socava com 65 pilões algo como 16 mil toneladas de minério, em 1856 se socava com 135 pilões cerca de 90 mil toneladas. O pessoal, que formava um contingente de quase 300 trabalhadores em 1836, elevava-se a mais de 2200 em 1865.

Na percepção popular, o acidente foi uma verdadeira desgraça pública, o que não obstou o prosseguimento do curso da exploração na linha geológica, atingindo a mina à época a profundidade de 365 metros. Para tanto foram perfurados dois poços nos vales entre os morros do Bonfim e o da antiga mineração. Pelos próximos 7 anos a empresa só fez investir, custando-lhe aqueles dois poços algo na casa das £86.515. Foi somente no ano de 1874 que se distribuiu pequeno dividendo entre os acionistas do empreendimento.

Contudo, a reanimação da vida de Congonhas não durou muito. Ao par das crescentes dificuldades no processo extrativo do ouro sobreveio o empobrecimento do minério. Com isto, a empresa voltou-se à diminuição de despesas reduzindo investimentos e pessoal, ademais da dispensa de fornecimentos.

Como se não bastasse, em 1882 ocorre outro acidente na mina que agravou ainda mais as condições adversas acima. Superados os obstáculos teve continuidade o aprofundamento da mina, ainda que crescessem em simultâneo as dificuldades operacionais de exploração. Nesse sentido o destaque ficou por conta das recorrentes ameaças de invasão

de águas subterrâneas, fato que impôs o emprego de máquinas de esgotamento mais potentes com conseqüente elevação de despesas.

Porém, um outro incidente inusitado e grave ocorre na noite de 10 de novembro de 1886, quando um grande desabamento ocorrido na mina paralisa grande parte de suas atividades com reflexos marcantes na necessidade de pessoal (Libby: 1984). Naquele trágico momento o imenso salão inclinado de quase 200 metros de profundidade torna-se o recipiente de imensos blocos de pedra, materiais pesados e massa de terra que desabam sobre a mina colhendo novas e numerosas vítimas.

Pouco antes, no ano de 1884, ocorre importante mudança na superintendência da empresa chegando a Nova Lima George Chalmers, que comparece na memória histórica da empresa com a distinção de um empresário *schumpeteriano*. Sob sua direção, o trauma causado pelo acidente mencionado vai sendo superado, inclusive com a identificação de erros graves no processo construtivo da primeira boca da mina. Assim, entre 1889 e 1892 a mina é reaberta com a escavação dos denominados poços C e D, sob técnicas de construção compatíveis com normas de segurança.

Ora, a raiz desse grave acidente estava em que no interesse da exploração aurífera havia sido feito, no lugar da coluna mineral, um imenso salão. Com o desprendimento dos blocos de pedras de um pilar de apoio horizontal que havia na rocha, em cima da escavação e com as muralhas insuficientemente firmadas, foi inevitável o desmoronamento que arrastou as vigas massiças que serviam de sustentáculo bem como o material de sustentação e esgotamento e tudo mais que havia pelo caminho. Até então, em 52 anos, as minas de Morro Velho haviam produzido 58.344 Kg de ouro num valor de £5.215.000 (conforme George Chalmers, *Propening of Morro Velho – London, 1888*).

Apesar do impacto deste terceiro grande acidente na mina, os números acima induziram a continuidade dos investimentos da empresa. Isto, evidentemente, pressupunha importante injeção de capital, o que se constituía numa tarefa dura em vista da exaustão dos acionistas nos anos anteriores quando o *déficit* da empresa era constante.

Foi nesse âmbito que se situou a ação do superintendente Chalmers, que em 1888 levantou em Londres um avultado capital de £233.174 com vistas à reformulação da metodologia de trabalho em Morro velho. Sua intenção era perfurar os 2 novos poços de

768 metros de profundidade acima citados até atingir o veeiro. Em 1895 a instalação exterior estava completa iniciando-se uma fase de prosperidade do negócio, sem embargo das grandes dificuldades para convencer a diretoria londrina da viabilidade da empreitada. No período entre 1886 e 1892 injetou-se na mina um capital da ordem de £400.000 com toda economia e maquinário empregado.

Outras lavras da *Saint John* em Congonhas como as do Gaia e Gabirobas foram abandonadas. Não exatamente devido a eventual pobreza de seus veeiros, que eram de quartzo aurífero, mas pela imperfeição do tratamento do minério, sendo o ouro excessivamente fino o que provocava perdas em elevado percentual.

De qualquer forma, aqui se localiza outra fase de prosperidade do antigo arraial de Congonhas, elevado a vila por decreto do governo de Bias Fortes em 1891 e constituído em município com a denominação de Villa Nova de Lima, desmembrando-se definitivamente do município de Sabará. Assim, 29 de março de 1891 foi um dia de grandes festejos populares para a atual Nova Lima.

Como se percebe, Chalmers orientou sua ação pela revolução das operações mineratórias, inclusive no plano das relações de trabalho. Uma de suas primeiras iniciativas foi a autorização do que ficou conhecido como *Clube dos Broqueiros* – ou Sociedade Beneficente dos Broqueiros das Minas de Morro Velho. Esta foi uma entidade de previdência privada que cuidava da manutenção dos trabalhadores quando de seu afastamento por motivos de doença, pensão das viúvas e despesas de repatriamento de viúvas de estrangeiros.

É interessante sublinhar a percepção desse superintendente quanto à inserção esperada do trabalhador inglês da *Saint John* no contexto da comunidade novalimense. Ele reforça a conduta de antemão implícita nas normas da empresa, de que os ingleses deveriam manter certa distância em relação à comunidade local. Percebendo que as normas nessa matéria vinham sendo transgredidas, Chalmers manda afixar um quadro nas dependências da empresa onde explicita sua posição da seguinte forma: “*It has come to my notice that English Employèes of this company are disregarding the Rule that they must obtain the superintendent’s permission before leaving the Establishment. For the future any English Employè going to any Mine, Town, or Place beyond the limits of the Regos will be*

*dismissed unless he has obtained permission from the Superintendent. Morro Velho 1<sup>st</sup> March 1899*” (Centro de Documentação da Morro Velho – Casa Grande, Nova Lima).

Esta posição da direção da empresa terá efeito marcante em toda a evolução futura da comunidade inglesa presente em Nova Lima. Sem se minimizar a importante influência dos ingleses em Nova Lima, certamente sua postura histórica mais se assemelhou a de um gueto, alheio à realidade local.

Com a retomada de suas atividades, a *Saint John* passa a recrutar trabalhadores na Europa. Número expressivo dos contratados são de origem italiana e espanhola, base para a fundação a partir de 1920 das respectivas *Sociedades*. Portanto, são duas novas *colônias* acrescidas à pré-existente Colônia Inglesa, vivendo em espaços geográficos distintos em geral cedidos pela empresa por *módicos* valores de aluguel. Contavam-se, por esta época, 197 italianos, 125 espanhóis, 187 ingleses e 82 portugueses.

No início dos anos 30 do século XX, são implantados moinhos para trituração do minério o que vem eliminar o trabalho de mulheres nessa área e proibi-se - por lei - o trabalho de menores de 21 anos no subsolo. Deste último fato decorre a busca de novas alternativas de recrutamento de pessoal no interior de Minas Gerais e mesmo em outros estados. Evento importante a se destacar foi a criação do Sindicato dos Mineiros em 1934, o que demarca o início de nova fase das relações trabalhistas na Morro Velho. Notadamente, cresce o potencial de reivindicações influenciado inclusive pela agenda do Partido Comunista na década de 1940.

Nos anos 40 a mina atinge a profundidade de 2453 metros, sendo instalada a planta de refrigeração no subsolo com melhoria das condições de trabalho. São também implantados equipamentos de proteção individual e uso de lanternas de bateria em substituição aos lampiões de carbureto. Em tese, essas medidas vieram melhorar a prevenção de acidentes e as condições de trabalho. Nas décadas de 40 e 50 ocorrem pronunciadas mudanças no país que tem reflexo direto nas relações de trabalho como seria o caso da CLT. Contudo, do ponto de vista da empresa ocorre um fato inusitado em sua história: a oferta de mão-de-obra supera a demanda.

Nesse contexto prossegue a política da empresa de formação de pessoal pela via do treinamento no próprio ambiente de trabalho, sobretudo a transmissão de conhecimentos e

habilidades no trato com o minério pelos mais experientes. Entretanto, destaque-se a ação do SENAI (1945) que amplia a provisão de trabalhadores especializados nas áreas mecânica e elétrica. Prossegue, igualmente, a política de construção de novas casas para moradia de operários, num total acumulado até o final da década de 1940 de 2660 unidades.

Na década de 1950 é implantada a atual jornada de trabalho de 6 horas, acrescida de mais 2 horas correspondentes ao trajeto da boca da mina até à frente de trabalho e vice versa. Nesses anos verificam-se várias ações de corte reorganizatório do trabalho na mina. Fato relevante foi a maior mecanização do processo com introdução de perfuratrizes movidas a ar comprimido e substituição do transporte de minério pelo uso de burros por vagonetas puxadas por locomotivas elétricas.

No ano de 1957 inicia-se a transição da *Saint John Del Rey Mining Company* para a Mineração Morro Velho, quando os ingleses transferem o controle acionário para grupo americano. Este, em 1960, torna a transferi-lo para acionistas brasileiros que criam a Mineração Morro Velho. Só a partir de então é que se inicia a política de formação de corpo técnico e gerencial da empresa composto por brasileiros. Ainda que desde 1924 houvesse oportunidade de estágio para estudantes universitários, somente com a transição acima é que brasileiros passam a ser contratados para desempenho de cargos gerenciais.

O destaque aqui fica por conta da Escola de Minas de Ouro Preto. Na prática, a Mineração Morro Velho desempenhou importante papel de formadora de mão-de-obra especializada para a indústria mineral no país. Agregue-se que a política de formação de pessoal técnico passou a ser complementada com a de preparação de seus executivos.

Já na década de 1970, o acúmulo de uma significativa defasagem tecnológica no tocante à mineração subterrânea impõe à empresa a busca de novas metodologias de trabalho e tecnologias de ponta na África do Sul. Daí surge sua associação em 1975 com a Anglo American Corporation, parceria que desata uma nova onda de investimentos com transferência de tecnologia de mineração em subsolo, inclusive com envio de engenheiros e geólogos da empresa ao exterior (África do Sul e Canadá).

## CONCLUSÃO

O foco deste trabalho foi posto na identificação dos condicionantes históricos de implantação da mineração de ouro em bases tecnológicas avançadas no município de Nova Lima (MG). Para tanto, procedeu-se a uma retrospectiva da formação de Nova Lima e da inserção do capital inglês através da empresa *Saint John del Rey Mining Company Limited*.

Ao longo de boa parte de sua existência, as trajetórias de Nova Lima e da *Saint John* se confundiram, fato que se reporta à atualidade. Nesse sentido, percebe-se as interrelações econômicas e políticas entre empresa e comunidade, mesclando-se suas dinâmicas em termos de crescimento, crises e recuperação.

Esse estudo pretende colocar bases para análises mais avançadas do interrelacionamento comunidade/ empresa, numa perspectiva de se conhecer o passado com vistas ao entendimento do presente para se refletir acerca de futuro. Apesar de toda uma história de potencialidades e de conflitos, presentemente urge desenvolver estudos prospectivos que instruem e animem o debate na política e sociedade locais.

## BIBLIOGRAFIA

- BURTON, Richard Francis Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. São Paulo, Itatiaia, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976
- GOMES, João de Oliveira Memórias do Povo de Raposos. Belo Horizonte: LÊ, 1996
- GROSSI, Yonne de S. Mina de Morro Velho: a extração do homem. Rio, Paz e Terra, 1981
- HOLAND, Sérgio Buarque de História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo, DIFEL, 1985
- LIBBY, Douglas Cole Trabalho Escravo e Capital estrangeiro no Brasil: o caso de Morro Velho. Belo horizonte, Itatiaia, 1984
- MANCHESTER, Alan K. Preeminência Inglesa no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1973
- OURO. Governo do Estado de Minas Gerais. Secretaria de Indústria, Comércio e turismo. Belo Horizonte, METAMIG, 1981
- SOUZA, Laura de Mello Desclassificados do ouro. A Pobreza Mineira no Século XVIII. Rio de Janeiro, Graal, 1982